

TOMÁS DE AQUINO E O REALISMO DIRETO DA SENSACÃO

THOMAS AQUINAS AND THE DIRECT REALISM OF SENSATION

LIMA, Rodrigo José de¹
COSTA, Marcos Roberto Nunes²

Resumo

A teoria do conhecimento de São Tomás, devedora em certa medida daquela de Aristóteles, julga que o conhecimento começa com a sensação. Como pretendemos mostrar que a formulação de São Tomás do processo sensorio é estritamente realista na medida em que estabelece uma relação direta entre os sentidos e os objetos, iniciaremos com uma breve análise de alguns textos fundamentais no *De anima*, que constituem, em certa medida, o núcleo da teoria sensorio perceptiva da tradição aristotélica e foram aceitos por São Tomás em sua exposição especulativa. Em seguida, analisaremos como a teoria do Aquinate julga os objetos sensíveis não sem qualquer qualificação, mas, ao contrário, estabelece uma especificação deles que determina a ação que exercem sobre os sentidos. Dentro da categorização por ele proposta, são os *sensibilia propria*, mais propriamente os entes, que informam os sentidos. Querendo evitar o âmbito subjetivista no qual as afecções seriam reduzidas às instâncias internalistas tão somente, ele destaca que é o composto que é dado na sensação, ou seja, sentir não é um ato da alma apenas, mas implica concomitantemente o corpo com seu aparelho sensorio. O seu esforço em sustentar duas teses que, ao menos em princípio, mostram-se opostas: a materialidade dos sentidos e a imaterialidade da informação recebida são asseveradas por meio das categorias metafísicas de ato e potência. Ainda que Tomás use o termo *similitudines* para se referir ao conteúdo informativo cognitivo no âmbito sensorio, isto, contudo, não invalida a concepção em termos de realismo direto. Contudo, não há de ser simplesmente transposta para o âmbito intelectual a relação direta que é notória no âmbito dos sentidos, com efeito, ficará claro como a ideia de representação não desempenha funcionalidades no interior de sua teoria da sensação; fato, porém, que não invalida que o representacionalismo seja concebido coerentemente no horizonte do conhecimento intelectual.

Palavras-chave: conhecimento, realismo, sensação, sentido, Tomás de Aquino.

Abstract: St. Thomas's theory of knowledge, indebted to a certain extent to Aristotle's, holds that knowledge begins with sensation. As we intend to show that St. Thomas's formulation of the sensory process is strictly realistic insofar as it establishes a direct relationship between the senses and objects, we will begin with a brief analysis of some key texts in *De anima*, which constitute in to some extent the core of the sensory-perceptual theory of the Aristotelian tradition, and were accepted by St. Thomas in his speculative exposition. Next, we will analyze how Aquinas's theory judges sensible objects not without any qualification, on the contrary, it establishes a specification of them that determines the action they exert on the senses. Within the categorization proposed by him, the *sensibilia propria* are more properly the entities that inform the senses. Wanting to avoid the subjectivist scope in which the affections would be reduced to internalist instances only, he emphasizes that it is the compound that is given in

¹ Mestre e Doutor em Filosofia pela UFPE. E-mail: rodrigoapologista@yahoo.com.br

² Doutor em Filosofia pela PUC-RS, com Pós-doutorado em Filosofia pela Universidade do Porto. Professor de efetivo do Departamento de Filosofia da UFPE. E-mail: marcosnunescosta@hotmail.com

sensation, that is, feeling is not an act of the soul alone but concomitantly involves the body with its sensory apparatus. His effort to support two theses, which at least in principle appear to be opposites: the materiality of the senses and the immateriality of the information received, is asserted through the metaphysical categories of act and potency. Although Tomás uses the term *similitudines* to refer to the cognitive informative content in the sensorial scope, this, however, does not invalidate the conception in terms of direct realism. However, the direct relationship that is notorious in the realm of the senses should not simply be transposed to the intellectual scope, in fact, it will become clear how the idea of representation does not perform functionalities within his theory of sensation; a fact, however, that does not invalidate that representationalism is coherently conceived in the horizon of intellectual knowledge.

Keywords: knowledge, realism, sensation, sense, Thomas Aquinas.

Introdução

Uma das teses centrais da teoria do conhecimento de Tomás de Aquino sustenta que o conhecimento intelectual começa pelos sentidos: a sensação que parte do ente singular concreto termina por obter concepções inteligíveis de natureza abstrata e universal. A sensação é considerada como um processo que fornece conteúdo informativo apto a ser usado pela mente. O *intellectus agens*, qualidade ativa da mente, ao abstrair as informações fornecidas pela experiência sensível provê um item cognitivo à mente, que é também o registro mental (*intellectus possibilis*), essa provisão é um conteúdo cognitivo transcendente àquele conteúdo representado pelas imagens sensórias (*phantasmata*). Por fim, após a recepção das *species intelligibiles*, temos a formação dos conceitos e dos juízos, elementos constituintes do raciocínio discursivo. Como a concepção aristotélica sobre a sensação subjaz à formulação de São Tomás, vejamos em linhas gerais a concepção do Estagirita.

A *anima*, segundo Aristóteles, é o princípio pelo qual vivemos, discorremos e percebemos (ARISTÓTELES, *Sobre a alma*, 2013, p. 45 [II, 414a 10]); cabe, portanto, especificar o seu papel na sensação, especialmente sua relação com os sentidos, sendo estes últimos expressos na clássica definição aristotélica como “aquilo que é capaz de receber as formas sensíveis sem a matéria” (ARISTÓTELES, *Sobre a alma*, 2013, p. 78, [II, 424a 17]). A recepção imaterial da forma há de ser entendida como uma alteração no sujeito decorrente da interação entre o aparelho sensório-cognitivo e o objeto (cf. ARISTÓTELES, *Sobre a alma*, 2013, p. 55, [II, 416b 35]). Em outras palavras, a sensação é concebida a partir da relação entre os objetos e as potências passíveis de serem afetadas. Diz Aristóteles:

Sobre a sensibilidade em geral é preciso perceber que o sentido é aquilo que é capaz de receber as formas sensíveis sem a matéria, como, por exemplo, a cera recebe a impressão de um anel sem o ferro e o ouro. A cera, com efeito, recebe a impressão do ferro ou do ouro, mas não enquanto ouro ou ferro. Ora, é da mesma maneira que o sentido é afetado por cada objeto que possua cor, sabor ou som - não enquanto cada um dos objetos individualmente é dito, mas enquanto dotado de certa qualidade, e de acordo com a proporção (ARISTÓTELES, *Sobre a alma*, 2013, p. 78, [II, 423b 20]).

Duas características fundamentais são identificadas nesta formulação: 1) a dicotomia ato e potência para expressar a sensibilidade em geral; 2) a recepção de formas sensíveis pelos sentidos, mas sem a matéria. Subjaz às categorias de ato e potência tomadas no texto, a ideia da possibilidade prévia de receber as qualidades das coisas sensíveis por parte dos sentidos para a sensação ocorrer. Desta maneira, os sentidos se distribuem em função dos diferentes sensíveis e, uma vez que eles se encontram nos órgãos sensoriais (cf. ARISTÓTELES, *Sobre a alma*, 2013, p. 90, [III, 426b 10]), cada sensação perceberá uma única coisa, que corresponde ao

órgão sensorial receber o sensível sem a matéria (cf. ARISTÓTELES, *Sobre a alma*, 2013, p. 87, [III, 425b 20]). O sujeito recebe as qualidades pertencentes ao objeto através do seu aparelho sensório-cognitivo, neste caso, ele é tomado passivamente frente à ação do objeto que possui o caráter ativo porquanto informa o sentido, isto é, ele atualiza a potência inerente a determinado órgão, pois lhe pertence, na presença da qualidade apropriada, ser atualizado.

Quanto à segunda característica, Aristóteles entende ser afetado no sentido de que os objetos recebem a forma do objeto, a perspectiva de unidade do relato é pretendida na ideia da coisa afetada “tornar-se como” o agente (cf. ARISTÓTELES, *Sobre a alma*, 2013, p. 59, [II, 418a 3-6]). Subjaz na argumentação aristotélica o contexto hilemórfico e a ideia da alteração envolver informação, ou seja, a mudança é explicada pela aquisição de uma forma por algo capaz de recebê-la. Formas específicas de mudança exigem as capacidades adequadas nos sujeitos, por isso, análises de determinadas alterações envolverão a consideração dessas capacidades; a sensação, nestes moldes, portanto, envolve a recepção de uma forma por uma faculdade sensorial adequada (cf. ARISTÓTELES, *Sobre a alma*, 2013, p. 98, [III, 429a 13-18]).

Segundo Ross: “a sensação não é uma alteração na qual existe uma simples substituição de um estado pelo seu oposto, mas consiste na realização de uma potencialidade, no avanço de uma coisa “em relação a si e ao ato” (ROSS, [s.d.], p.164, tradução nossa)³. O relato sustenta uma íntima associação entre fisiologia, psicologia e metafísica, daí alguns comentadores, *e.g.*, Ross, falar de uma “confusão” resultante de tal feito. Considerando este contexto, vejamos em seguida, de maneira geral, como São Tomás formulou a sua teoria da sensação.

1 - Teoria da sensação em Tomás de Aquino

Antes de tudo, convém considerarmos que São Tomás, enquanto um teólogo, não possuía uma teoria sensório-perceptiva *per se*. Seus comentários sobre tal assunto estão em consonância com outros temas. Afirma-se que:

Deve-se considerar sobre as potências da alma em particular. Porém, à consideração do teólogo convém inquirir especialmente apenas sobre as potências intelectivas e apetitivas, nas quais as virtudes são encontradas. Contudo, porque a cognição destas potências depende de outras, a nossa consideração sobre as potências da alma em particular será tripartite (AQUINAS, *Summa Theologiae*, I^o q. 78 pr, tradução nossa)⁴.

³ “*La sensación no es una alteración en la que se produce una simple sustitución de un estado por su opuesto, sino que consiste en la realización de una potencialidad, el avance de una cosa “hacia sí misma y hacia el acto”* (ROSS, [s.d.], p.164).

⁴ “*Deinde considerandum est de potentiis animae in speciali. Ad considerationem autem theologi pertinet inquirere specialiter solum de potentiis intellectivis et appetitivis, in quibus virtutes inveniuntur. Sed quia cognitio harum potentiarum quodammodo dependet ex aliis, ideo nostra consideratio de potentiis animae in speciali erit*

Verdadeiramente, ele adverte que o interesse por parte do teólogo à sensação se dá apenas de modo secundário porque as potências espirituais é que são propriamente o objeto de interesse; contudo, visto que a efetiva ação das potências espirituais pressupõe a ação das potências sensitivas, então caberá ao teólogo o entendimento destas últimas como possibilidade de compreensão adequada das primeiras (cf. AQUINAS, *Summa Theologiae*, I^a q. 84 pr). Esta consideração não invalida a ideia da sensação desempenhar um papel decisivo na filosofia Tomasiana, como Alejandro Tellkamp notou, apesar da quantidade relativamente pequena de textos neste âmbito, o aspecto quantitativo, do caso em questão, não é um fator exclusivo para determinar a importância do assunto para o Aquinate (cf. TELLKAMP, 1997, p. 89).

Tomás, seguindo a teoria aristotélica da sensação, que julgou que “o sentido não tem operação própria sem participação do corpo, de modo que sentir não é um ato da alma apenas, mas do composto” (AQUINAS, *Summa Theologiae*, I^a q. 84 a. 6 co, tradução nossa)⁵. E semelhantemente afirmando o mesmo para todas as operações da parte sensitiva, compreendeu a participação da totalidade do sujeito (a unidade *anima-corpus*) na sensação. De maneira geral, a sensação é vista pela apreensão das qualidades do objeto em virtude do sentido ser o ato de um órgão corporal; e, o objeto de toda potência sensível, é a forma enquanto existente na matéria que, sendo princípio de individuação, implica que toda potência sensível conheça apenas os particulares (cf. AQUINAS, *Summa Theologiae*, I^a q. 85 a. 1 co). A relação objeto-sentido para Tomás não se esgota nestes dois polos, com efeito, ela compreende a potência sensível e seu órgão, o objeto e também o meio intermediário (cf. GARDEIL, 2013, p.65).
Afirma São Tomás:

As coisas que assim alcançam os sentidos de cada um, não são corpos que emanam do corpo sensível, como alguns afirmaram, mas cada um deles é um movimento e uma paixão do meio modificado pela ação do objeto sensível (porque se fossem corpos diferentes que chegassem por fluxo aos diferentes sentidos, não aconteceria que todos sentissem o mesmo, mas que cada um sentiria o único corpo que lhe chegasse). E, embora não sejam corpos, no entanto, eles não estão sem corpo ou sem meio - como paciente e movido – nem sem objeto sensível - como primeiro motor e agente (AQUINO, CLASS, 2001, p. 77-78, tradução nossa)⁶.

tripartita, primo namque considerandum est de his quae sunt praeambula ad intellectum; secundo, de potentiis intellectivis; tertio, de potentiis appetitivis” (AQUINAS, *Summa Theologiae*, I^a q. 78 pr.). Obra doravante referenciada por *Summa theologiae*. Outras versões utilizadas dessa obra ao longo do texto serão especificadas a fim de evitar confusão.

⁵ “*Sed sensum posuit propriam operationem non habere sine communicatione corporis; ita quod sentire non sit actus animae tantum, sed coniuncti. Et similiter posuit de omnibus operationibus sensitivae partis*” (AQUINAS, *Summa Theologiae*, I^a q. 84 a. 6 co.).

⁶ “*Por otra parte, las cosas que llegan de este modo a los sentidos de cada uno, no son cuerpos que emanan del cuerpo sensible, como algunos afirmaron, sino que cada una de ellas es un movimiento y una pasión del medio modificado por la acción del objeto sensible (pues si fueran cuerpos diversos que llegaran por flujo a los diversos*

No âmbito da cognição em geral e, mais particularmente na sensibilidade, é compreensível o esforço que Tomás faz para manter harmonicamente duas noções tipicamente contrárias: a materialidade dos sentidos e a imaterialidade da informação que eles recebem. Pois, “aquilo o sentido conhece de modo material e concreto, que é conhecer diretamente o singular, o intelecto conhece de um modo imaterial e abstrato, o que é conhecer o universal” (AQUINAS, *Summa Theologiae*, I^a q. 86 a. 1 ad 4)⁷. Prevalece um princípio de equivalência dos objetos: os sentidos têm por objeto as coisas concretas e o intelecto se refere ao universal. Nas palavras do professor Antônio Janunzi Neto:

Dada materialidade dos objetos externos e a imaterialidade da potência, o órgão sensível tem a função de mediação entre estas duas dimensões, pois em uma primeira instância o ato de conhecimento sensível é considerado “como uma perturbação de um dos órgãos sensoriais por um objeto sensível” e é desta maneira que as potências sensíveis são atualizadas de modo imanente e possuem em si de modo imaterial a presença do objeto conhecido. Por isso, são os órgãos dos sentidos que possibilitam direta e propriamente o contato entre a potência imaterial e objeto material (JANUNZI NETO, 2011, p. 33).

Não é creditado acesso à essência dos entes pelo aparelho sensório, mas unicamente aos acidentes exteriores; logo, o objeto de qualquer potência sensitiva é a forma enquanto existente no objeto concreto. Dentro da categorização dos entes sensíveis mencionada por São Tomás temos a indicação dos sensíveis *per se* e *per accidens*; fala-se também da distinção entre *sensibilia propria* (sensíveis próprios) e *sensibilia communia* (sensíveis comuns), sendo esta última distinção concernente àqueles sensíveis *per se*.

No horizonte da referida classificação, são os *sensibilia propria* os objetos dos sentidos porque eles modificam imediatamente o sentido por si mesmos, isto na medida em que são as qualidades que causam a alteração do órgão. Ora, a figura e a grandeza, que são *sensibilia communia* e se reduzem à quantidade, não movem os sentidos nem imediatamente nem por si, mas apenas em função da qualidade sensível⁸; os *sensibilia per accidens*, são considerados por

*sentidos, no acaecería que todos sintieran lo mismo, sino que cada uno sentiría el solo cuerpo que le llegase). Y aunque no sean cuerpos, sin embargo, no se hallan sin cuerpo o sin medio —como paciente y movido— ni sin objeto sensible — como primer motor y agente” (AQUINO, Tomás de. **Comentario al libro de Aristóteles sobre el sentido y lo sensible**. Traducción de Juan Cruz Cruz. Pamplona: Universidad de Navarra, 2001, p. 77-78 [XV, 446 a 20-447a 11]). Obra doravante abreviada por CLASS.*

⁷ “Unde id quod cognoscit sensus materialiter et concrete, quod est cognoscere singulare directe, hoc cognoscit intellectus immaterialiter et abstracte, quod est cognoscere universale” (AQUINAS, *Summa Theologiae*, I^a q. 86 a. 1 ad 4.).

⁸ Tomás segue Aristóteles e alguns comentadores os quais mencionam a existência de cinco sensíveis comuns: movimento (*motus*), repouso (*quies*), número (*numerus*), figura (*figura*) e extensão (*magnitudo*) (cf. TELLKAMP, 1997, p 93).

causa de uma diversidade na modificação do sentido. Por exemplo, o sentido é informado pelo sensível próprio, digamos a brancura, no entanto é acidental ao objeto branco se a superfície é pequena ou grande, com efeito, estes *sensibilia* não constituem uma classe em particular, são mais propriamente aspectos contingentes ao objeto da sensação.

A conceituação dos *sensibilia* tem por função não apenas especificá-los na relação com o aparelho sensorio, parece-nos que o interesse é também salvaguardar a objetividade entre os sentidos e os objetos. É o que depreendemos da passagem onde São Tomás não apenas categoriza os *sensibilia*, antes sim, relaciona-os à certeza epistêmica decorrente da sensação. Por esta razão, é dito que “o sentido não se engana acerca do seu objeto próprio, assim a vista acerca da cor, exceto talvez por acidente, por causa de um impedimento proveniente do órgão” (AQUINAS, *Summa Theologiae*, Iª q. 85 a. 6 co, tradução nossa)⁹. Contudo, “o sentido, se engana sobre os sensíveis comuns, quando ao julgar sobre o tamanho e a figura; sentencia que o sol é de um pé de diâmetro, embora é maior do que a terra. E muito mais se engana acerca dos sensíveis por acidente; quando julga que o fel é mel por causa da semelhança da cor” (AQUINAS, *Summa Theologiae*, Iª q. 85 a. 6 co, tradução nossa)¹⁰.

Tanto o conhecimento sensorio como o intelectual estão subordinados às categorias de ato e potência, daí ser marcante a ideia de passividade dos sentidos em relação àquelas semelhanças que são princípios da sensação e do conhecimento. Afirma-se:

Às vezes o homem está apenas em potência para conhecer, tanto pelos sentidos como pelo intelecto, e que dessa potência passa ao ato, para sentir pela ação das qualidades sensíveis sobre o sentido, ou para conhecer pelo ensino e pela descoberta. Deve-se, pois, dizer que a alma está em potência para conhecer tanto com relação às semelhanças que são princípios da sensação, quanto às semelhanças que são princípios do conhecimento (AQUINO, *S.Th.*, 2002, p. 505, [q. 84, a. 3, ad])¹¹.

A afirmação de que o aparelho sensorio está em potência em relação as impressões que o objeto lhe causará não invalida a concepção da sensação em termos de uma relação direta entre os seus polos constituintes. Destacar a condição de prévia potencialidade dos sentidos à recepção das *species sensibiles* indica apenas sua natureza passível de atualização; ora, uma vez

⁹ “*Sensus enim circa proprium obiectum non decipitur, sicut visus circa colorem; nisi forte per accidens, ex impedimento circa organum contingente [...]*” (AQUINAS, *Summa Theologiae*, Iª q. 85 a. 6 co.).

¹⁰ “*Circa sensibilia vero communia decipitur sensus, sicut in diiudicando de magnitudine vel figura; ut cum iudicat solem esse pedalem, qui tamen est maior terra. Et multo magis decipitur circa sensibilia per accidens; ut cum iudicat fel esse mel, propter coloris similitudinem*” (AQUINAS, *Summa Theologiae*, Iª q. 85 a. 6 co.).

¹¹ AQUINO, Tomás de. **Suma teológica: Parte I - Questões 44 - 119**. São Paulo: Loyola, 2002, p. 505, [q. 84, a. 3, ad]. Obra doravante abreviada por *S.Th.* Ver também: AQUINAS, Thomas. **Commentary on Aristotle's De Anima**. Translated by Kenelm Foester and Silvester Humphries. London: Yale University Press, 1965, p. 135, [Bk 2 Lec 6 Sct 308 p 209] § 308; *Ibid.*, [Bk 2 Lec 12 Sct 377 p 249].

que o objeto incida sua ação sobre ele, e, ainda que se fale em *similitudines* da sensação, permanece em foco uma relação direta onde os sentidos se encontram em potência à ação dos objetos sobre eles alterando-os, isto é, imprimindo-lhes as qualidades inerentes aos objetos, estas por sua vez são recebidas imaterialmente.

O relato sobre as faculdades sensitivas e o seu caráter de passividade frente ao objeto concreto não propõe exaurir o processo da sensação. De fato, a afirmação de São Tomás que é “necessário que exista algo uno na alma, pelo que o vivente animado perceba todos os objetos sensíveis” (AQUINO, *CLASS*, 2001, p. 92, [XVIII, 448b 16 - 449b 4]), ideia correlata com aquela expressa nas *Questões disputadas sobre a alma*, onde lemos: “é forçoso afirmar haver no homem um princípio sensitivo, que exista em potência para as coisas sensíveis: pois, se estivesse sempre sentindo em ato, as formas das coisas sensíveis sempre estariam em ato no princípio sensitivo” (AQUINO, *QDA*, 2014, p. 59, [q. 2, ad])¹²; sugere que não devemos tomar a mera justaposição descritiva dos elementos envolvidos na sensação como fator suficiente de explicação. Afinal, mesmo não sendo conceituado este “algo”, parece-nos que ele torna possível a correlação entre o objeto e o sentido, em outras palavras, é pressuposto “algo” que torna possível a atualização dos sentidos na presença dos objetos. Esta inferência está em consonância com uma interpretação realista da sensação, mas nela não se esgota porque a sensação possui um aspecto mais amplo do que a simples passividade. Afirma São Tomás:

É encontrada na parte sensível duas operações. Uma operação, segundo apenas a mutação, desta maneira é realizada a operação do sentido quando é modificado pelo sensível. A outra operação é a formação, segundo a qual a força imaginativa forma para si alguma imagem da coisa ausente ou jamais vista (AQUINAS, *Summa Theologiae*, I^a q. 85 a. 2 ad 3, tradução nossa)¹³.

Ainda, segundo Tomás:

[...] há duas espécies de modificação: uma é natural, outra é espiritual. A modificação é natural quando a forma do que causa a mudança é recebida no que é mudado segundo seu ser natural. Por exemplo, o calor no que é esquentado. Uma modificação é espiritual quando a forma é recebida segundo o ser espiritual. Por exemplo, a forma

¹² Cf. AQUINO, Tomás de. **Questões disputadas sobre a alma**. 2. ed. Tradução de Luiz Astorga. São Paulo: Realizações, 2014, a citação da página está na nota acima. Aqui foi tão somente a citação da obra que foi mencionada, por isso está completa. Mas se for necessário colocar o número da página aqui também, é o 59, [q. 2, ad]. Obra doravante abreviada por *QDA*. Ver ainda: AQUINO, *CLASS*, 2001, p. 84, [XVII, 447a 12- 448a]: “Portanto, como a operação sensível é apenas um uso pelo qual a alma se serve da potência sensitiva e como é também um movimento da própria potência enquanto que o sentido é movido pelo objeto sensível, e como a unidade de sentido corresponde à unidade da potência”.

¹³ “*in parte sensitiva invenitur duplex operatio. Una secundum solam immutationem, et sic perficitur operatio sensus per hoc quod immutatur a sensibili. Alia operatio est formatio, secundum quod vis imaginativa format sibi aliquod idolum rei absentis, vel etiam nunquam visae*” (AQUINAS, *Summa Theologiae*, I^a q. 85 a. 2 ad 3).

da cor na pupila, que nem por isso se torna colorida (AQUINO, *S.Th.*, 2002, p. 427, [q. 78, a. 3, ad]).

A noção de mutação (*immutatio*) e de formação (*formatio*) que o texto anterior vincula à sensibilidade, tanto discrimina instancias distintas, quer dizer, os casos nos quais o sentido é modificado pelo objeto e aqueles onde a *phantasia* forma para si a imagem de algo, quanto concatena sentidos e imaginação. Verdadeiramente, estes últimos mantêm relação também pelo gênero das *species* recebidas, por isso é dito que “as formas da imaginação e dos sentidos são do mesmo gênero: ambas são individuais. E, portanto, as formas que estão nos sentidos podem imprimir as formas que estão na imaginação, movendo-a, estas enquanto semelhantes àquelas” (AQUINO, *QDA*, 2014, p. 103, [q. 4, ad. 1]. Cf. também: *Ibid.*, 2014, p. 105, [q. 4, ad 5]). No âmbito da sensibilidade, a noção de *immutatio* exprime mais propriamente o processo porque nela está compreendida a correlação entre os objetos e os sentidos, ao invés da *formatio*. Não se fala, contudo, simplesmente da *immutatio*, ao contrário, são distinguidos dois modos pelos quais algo pode ser afetado: *immutatio naturalis* e *immutatio spiritualis*. A *immutatio naturalis* se refere às situações onde a forma do agente causador da mudança é recebida naturalmente naquele que a sofre; a *immutatio spiritualis* compreende o “que acontece quando a semelhança de um objeto é recebida no órgão dos sentidos, ou no meio entre objeto e ou no meio entre objeto e órgão (AQUINAS, *Commentary Aristotle’s De Anima*, 1965, p. 172, [Bk 2 Lec 14 Sct 418 p 267] § 418, tradução nossa)¹⁴.

A ação dos objetos sobre os sentidos é uma modificação espiritual, nos moldes da explicação oferecida: “para a ação do sentido requer-se uma modificação espiritual, através da qual uma intenção da forma sensível é produzida no órgão do sentido” (AQUINAS, *Summa Theologiae*, I^a q. 78 a. 3 co., tradução nossa)¹⁵. Mesmo deixando de lado a amplitude semântica da noção de intencionalidade para São Tomás, cabe considerarmos que, ao menos na passagem em questão, existir intencionalmente se refere à existência do ente sem a matéria que constitui o sínolo, assim dizendo, destaca-se a ideia de existir um conteúdo cognitivo.

Embora Tomás se utilize primordialmente da noção de recepção intencional para analisar a sensação, que é contraposta à recepção natural, este modelo sofre variações na medida que os diferentes sentidos são considerados: alguns órgãos como a visão são informados apenas espiritualmente; outros como o tato e o sabor sofrem também uma modificação natural. Além

¹⁴ “By a spiritual change I mean, here, what happens when the likeness of an object is received in the sense organ, or in the medium between object and or in the medium between object and organ” (AQUINAS, *Commentary Aristotle’s De Anima*, 1965, p. 267, [Bk 2 Lec 14 Sct 418 § 418]).

¹⁵ “Ad operationem autem sensus requiritur immutatio spiritualis, per quam intentio formae sensibilis fiat in organo sensus” (AQUINAS, *Summa Theologiae*, I^a q. 78 a. 3 co.).

do mais, a modificação natural, às vezes provém do objeto ou do órgão, isto nos indica que ele concebeu a recepção pelos sentidos dentro de uma pluralidade que compreende o aspecto hierárquico, onde os sentidos recebem ou são informados pelos objetos de maneiras diferentes. Isto posto, afirma-se:

Quanto mais excelente é a virtude sensitiva, tanto menor é a modificação do órgão feita pelo objeto sensível. É evidente que quanto menos sensível é o objeto, tanto menor é a mutação do órgão produzida. Portanto, necessita da mais excelente virtude do sentido para que seja percebido em ato (AQUINO, *CLASS*, 2001, p. 73, [XIV, 445b 3 – 446a 20])¹⁶.

Não nos parece ser o caso que a diversidade no modo de ser alterado pelo objeto seja contrário à ideia da experiência sensível compreender uma unidade¹⁷. Decerto, a concepção da *immutatio spiritualis* pertence mais propriamente ao tipo de passividade que caracteriza o conhecimento e, conseqüentemente, a sensação é concebida como sendo a recepção de uma forma, fato este que se coaduna com a reivindicação dela ocorrer num sujeito passivo.

2 - Realismo direto

Se o entendimento de São Tomás sobre a sensibilidade é modificado quer pela compreensão da alteração que o órgão sofre, quer pela origem de sua modificação, isto já deve nos advertir para sermos cautelosos em tomar sua ideia da sensação como extremamente monolítica. Contudo, a noção de realismo se mostra perfeitamente adequada na exposição de sua teoria, afinal, uma vez que “a operação de sentir provém da potência sensitiva” (AQUINAS, *QDA*, 2014, p. 85, [a. 3 co], tradução nossa)¹⁸ e sendo a sensação em ato definida como “certa alteração”, desde o início está posto para nós o caráter potencial do sentido que é “uma potência

¹⁶ Para Tomas, a noção de imaterialidade compreende uma hierarquia, por exemplo, sentidos e intelecto apesar de receberem as espécies imaterialmente, ainda assim, diferenciam-se pelo seu grau. Como ele diz: “as coisas se encontram na alma sem sua matéria própria, mas segundo sua singularidade e as condições individuais derivadas da matéria. E este é o nível do sentido, que é receptivo das espécies individuais sem matéria, mas receptivo em um órgão corporal. O outro grau de imaterialidade, mais alto e mais perfeito, é o do intelecto, que recebe as espécies completamente abstraídas da matéria e das condições materiais, e sem um órgão corporal” (AQUINO, *QDA*, 2014, [q. 13, ad]). Havemos ainda de notar que existem diversas formas de recepção da forma: há os casos em que a forma recebida tem o mesmo modo no paciente que possui no agente, isto se dá quando ambos estão dispostos à forma do mesmo modo; por vezes o paciente recebe a forma de modo diferente de existência daquele que o agente possui, neste caso, a disposição material do recipiente não se identifica com a disposição material do agente e se assemelham apenas no caso da forma e não da matéria. É este último modo de recepção da forma que pertence aos sentidos enquanto elementos constituintes da sensação. A partir disto são distinguidos o modo material do modo intencional ou espiritual da forma (cf. AQUINAS, *Commentary Aristotle's De Anima*, 1965, p. 339, [Bk 2 Lec 24 Sct 552 § 552]).

¹⁷ “El alma percibe los diversos objetos sensibles en cierto modo como si fueran uno y lo mismo, a saber, en el sujeto; y en cierto modo como si no fueran lo mismo, a saber, en cuanto que se diferencian conceptualmente” (AQUINO, *CLASS*, 2001, p. 93, [XVIII, 448b 16 – 449b 4]).

¹⁸ “sicut haec operatio sentire egreditur a potentia sensitiva” (AQUINO, *QDA*, 2014, p. 84, [a. 3, ad.]).

passiva destinada a ser mudada pelo sensível exterior” (AQUINO, *S.Th.*, 2002, p. 427, [q. 78, a. 3]), ao passo que “uma potência nada mais é que um princípio de alguma operação, quer seja ação, quer paixão. Não um princípio que é sujeito agente ou paciente, mas aquilo pelo qual o agente age e o paciente padece” (AQUINO, *QDA*, 2014, p. 251, [a. 12, ad.]¹⁹).

Segundo Paulo Faitanin:

A sensação como padecimento é um processo fisiológico e psicológico. É fisiológico porque é um procedimento pelo qual um estímulo externo (relação entre órgão do sentido e objeto sensível próprio – olho > luz > cor) ou um estímulo interno (imaginação) provoca uma reação específica no órgão do sentido – olho. É psicológico porque igualmente este mesmo processo também provoca uma reação específica na alma do sujeito que a padece, na medida em que produz na própria alma uma paixão, emoção, que se caracteriza como uma vivência significativa que mobiliza afetos que podem tanto mover a alma para a busca e posse do objeto que lhe causa prazer ou a evitar ou fugir do objeto que lhe causa dor. Em síntese, sensação é o que se produz por parte dos sentidos externos e o nome que se dá ao modo como os sentidos apreendem a forma sensível do objeto sensível externo (2008, p. 227).

Nas palavras do professor Antonio Janunzi: “[...] cada sentido específico possui um objeto próprio ao qual se refere e dele recebe as formas pelo processo de assimilação que envolve recepção por parte da potência e alteração por parte do órgão corpóreo do sentido” (JANUNZI NETO, 2011, p. 23). A potência sensitiva e o objeto que a atualiza possuem uma relação natural, daí que “cada sentido específico possui um objeto próprio ao qual se refere e dele recebe as formas pelo processo de assimilação que envolve recepção por parte da potência e alteração por parte do órgão corpóreo do sentido” (*Ibid.*, 23). Há equivalência entre os órgãos e as potências de modo que não há potência sem operação essencial e, semelhantemente, não há operação sem potência, com efeito, “as potências não existem por causa dos órgãos, mas os órgãos por razão das potências. Assim, a diversidade das faculdades não provém da diversidade dos órgãos” (AQUINAS, *Summa Theologia*, I^a q. 78 a. 3 co, tradução nossa)²⁰.

Por existir no mundo diferentes propriedades sensíveis, a natureza dotou os seres com órgãos capazes de apreenderem esta diversidade na sensação; por isso, “as potências da alma se distinguem segundo as diversas razões dos objetos, pois a razão de cada potência consiste na relação com aquilo a que se refere, isto é, com seu objeto” (AQUINO, *S.Th.*, 2002, p. 450, [q. 79, a. 7, ad]). Esta especificação é importante porque se alguma potência, segundo sua própria razão, estiver ordenada a um objeto por sua razão geral, não ocorrerá a diversificação da

¹⁹ “*potentia nihil aliud est quam principium operationis alicuius, sive sit actio sive passio. Non quidem principium quod est subiectum agens aut patiens, sed id quo agens agit aut patiens patitur*” (AQUINO, *QDA.*, 2014, p. 250, [a. 12, ad.]).

²⁰ “*Non enim potentiae sunt propter organa, sed organa propter potentias, unde non propter hoc sunt diversae potentiae, quia sunt diversa organa*” (AQUINAS, *Summa Theologia.*, I^a q. 78 a. 3 co.).

potência em função das diferenças particulares desse objeto. Isto posto, são distinguidos cinco sentidos externos referentes às cinco potências pelas quais as qualidades sensíveis são apreendidas, de outra forma também se diz que o número e distinção dos sentidos são tomados por aquilo que pertence *per se* a cada um deles.

Quando se fala que o objeto se refere ao ato de uma potência passiva como princípio ou causa motora, está sendo explicitado que é a realidade “objetiva” do objeto que informa a potência, capacidade passiva, de receber as qualidades informadas pela coisa (cf. AQUINO, *S.Th.*, 2002, p. 409, [q. 77, a. 3, ad]). Ora, se a potência sensitiva está orientada aos objetos concretos, ela necessita que os órgãos dos sentidos externos sejam corpóreos, porquanto eles existem em função da potência e não o contrário, como anteriormente afirmado.

Sustentada a tese de que a sensação é uma operação que pertence ao composto propriamente dito, ou seja, ocorre com a mudança do corpo, e não apenas parte dele, então o vínculo tomado entre os itens pode ser dado numa série que estabelece a ação dos entes concretos sobre o composto, e mais especificamente sobre os sentidos. As potências sensíveis são potências que no corpo humano se efetivam na forma de órgãos, por conseguinte, “a alma sensitiva não tem alguma operação própria por si mesma, mas toda operação da alma sensitiva é do conjunto” (AQUINAS, *Summa Theologiae*, I^o q. 75 a. 3 co, tradução nossa)²¹.

Se a percepção das formas sensíveis proveniente da ação do objeto sensível sobre os sentidos implica uma mudança no sujeito (Cf. AQUINO, *S.Th.*, 2002, p. 361, [q. 75, a. 3, ad. 2]; *Ibid.*, 2002, p. 431, [q. 78, a. 4]; AQUINO, *QDA*, 2014, p. 283, [q. 13, ad. 19]), então o questionamento natural vem a ser como pode um objeto, através de suas propriedades qualitativas, alterar fisicamente um órgão sensorial? Em outras palavras, de que maneira se diz que o objeto e o sentido se encontram em ato? (cf. TELLKAMP, 1997, p. 91).

A resposta que Tomás oferece está no contexto da *via media* aristotélica, frente àquela defendida por Platão e Demócrito, e não nos parece extinguir as dúvidas – pelo menos não a partir do texto a seguir – pois mesmo informando o que ocorre, faltam as especificações do processo. Segundo São Tomás, “as operações da parte sensitiva são causadas por uma impressão das coisas sensíveis sobre o sentido, não por emanção, como afirmou Demócrito, mas por uma determinada operação” (AQUINO, *S.Th.*, 2002, p. 514, [q. 84, a. 6, ad])²².

²¹ “*anima sensitiva non habet aliquam operationem propriam per seipsam, sed omnis operatio sensitivae animae est coniuncti*” (AQUINAS, *Summa Theologiae*, I^o q. 75 a. 3 co.). Encontramos em diversas passagens a ideia de que é o composto que é afetado na sensação, por exemplo: “O sentido não recebe espécies sem seu órgão” (AQUINO, *QDA*, 2014, p. 91, [q. 3, ad. 10]).

²² Segue o mesmo sentido a tradução oferecida pelo Dr. Carlos Arthur Ribeiro: “as operações da parte sensitiva são causadas pela impressão dos sensíveis no sentido; não a modo de emanção, como Demócrito sustentou, mas por uma certa operação” (Cf. AQUINO, Tomás de. **Suma de teologia**: primeira parte – questões 84-89. Tradução

Notamos que a via resolutive do texto depende da negação propositiva (“não por emanção”) e usa expressão indeterminada (*quandam operationem*).

Sendo o órgão o meio pelo qual o objeto é percebido, então a requerida identificação entre o sentido e o objeto ocorre por meio de uma semelhança. Segundo a própria formulação de São Tomás: “a semelhança da coisa sensível é a forma do sentido em ato” (AQUINAS, *Summa Theologiae*, I^a q. 85, a. 2, ad. 1, tradução nossa)²³. O signo que é tomado como semelhança de algo – ao menos na formulação tomasiana aqui considerada – compartilha uma estrutura formal com a coisa da qual ela é uma semelhança (cf. COHEN, 1982, p. 205); assim, o objeto, segundo o que há de formal nele, especifica a operação de uma potência (cf. AQUINO, *QDA*, 2014, p. 323, [a. 15, ad 18]). É então neste sentido que é dito: “o sentido e o sensível em ato são uma e a mesma coisa” (AQUINO, *QDA*, 2014, p. 119, [q. 5, ad. 1]), isto se coaduna com o postulado geral de que as coisas são conhecidas à medida que sua forma esteja no sujeito cognoscente.

Frequentemente, usa-se a terminologia *species* para designar a forma que é recebida pelos sentidos, sua natureza é entitativa porquanto é uma modalidade de ser real e objetivo que informa a potência segundo o *esse spirituale*. A *species sensibilis* é a presença da forma do objeto na potência sem a matéria *signata* (cf. JANUNZI NETO, 2011, p. 34; ADRIAENSSEN, 2017, p.16-17), e “tem como função própria tornar presente à faculdade de conhecer o objeto exterior” (GARDEIL, 2013, p. 57).

A privação da matéria é a condição de similitude para a *species*, afinal, a imaterialidade de uma coisa é a razão de que seja dotada de conhecimento; ora, “[...] o sentido conhece em razão de sua capacidade de receber representações sem matéria” (AQUINO, *S.Th*, 2001, p. 316, [q.14, a.1]; AQUINO, *S.Th*, 2002, p. 365, [q. 75, a. 5, ad. 2]), ou seja, as espécies sensíveis significam diretamente as coisas em função de manterem asseguradas as condições formais dos objetos dos quais se originam. Enquanto ente intencional, a *species sensibilis* é imaterial, mesmo conservando as condições individualizantes do objeto. A noção de *species in medio* funciona mediando a ação do objeto sobre o sentido, isto posto, a contiguidade necessária para

e introdução de Carlos Arthur Ribeiro do Nascimento. Uberlândia: Edufu, 2016, p. 113, [q. 84, a. 6, ad]). Obra doravante abreviada por *S.Th*. Quando São Tomás comenta no capítulo 15 do *CLASS* algumas teorias sobre como o objeto informa o sentido, por exemplo, a teoria do eflúvio, que julga os objetos sensíveis emanarem certos eflúvios que chegam até os sentidos, esta é rejeitada em favor da ideia aristotélica de alteração. Da passagem em questão, não nos parece que Tomás nutre grande interesse neste ponto, ou seja, uma simples descrição do modo pelo qual a sensação ocorre; é o que depreendemos de sua afirmação seguinte: “de qualquer modo que se produza a sensação”. Sumariamente, a sensação é tomada como um fato notório que dispensa a necessidade de prova, a questão iminente para ele é saber se as modificações que procedem dos objetos alcançam primeiro o meio intermediário do que os sentidos, porque é aceito que o modo pelo qual os sentidos são modificados pelos objetos são diferentes.

²³ “*similitudo rei sensibilis est forma sensus in actu*” (AQUINAS, *SummaTheologiae*, I^a q. 85, a. 2, ad.1).

a condução das formas de um objeto para o sentido é possível após a saturação do meio intermediário entre ambos.

Tomás não vê um “abismo intransponível” entre a sensação e a objetividade do objeto, aceita-se que dada as condições normais de funcionamento dos sentidos, “as coisas são sentidas segundo o modo que possuem fora da alma, isto é, em suas particularidades” (AQUINO, *S.Th.*, 2002, p. 382, q. 76, a. 2, ad. 4). Estamos diante de um evidente realismo da sensação. Alguém pode criticar a epistemologia tomista por não reconhecer, tal como fizeram os modernos, que não é notório o nexos que justifique a relação existente entre o objeto e a mente, contudo ele não parece ter tido muito interesse na questão do ceticismo, acreditava que o sentido conhece o objeto sensível presente (cf. AQUINO, *CLASS*, 2001, p. 16, [II, 437a 9 - 438a 5]), consideradas as especificações que mencionamos anteriormente. Quanto ao modo em que o sentido percebe algo, ele distinguiu duas maneiras:

O sentido percebe algo de dois modos. De um modo: pela própria mutação do sentido feita pelo objeto sensível e assim são conhecidos pelos sentidos próprios e pelo sentido comum tanto os objetos sensíveis próprios como também os comuns (AQUINO, *CLAMR*, 2001, p. 7, [II, 449b 30- 450a 25])²⁴.

É dito ainda que:

[...] De outro modo, algo é conhecido por um certo movimento secundário que é deixado pela primeira mutação do sentido feita pelo objeto sensível; e, sem dúvida, este movimento permanece também, algumas vezes, depois da ausência dos objetos sensíveis, e incumbe a fantasia, como foi dito no livro II Da Alma. Por sua parte, a imagem sensível que aparece por meio de semelhante mutação secundária é uma paixão do sentido comum: pois se segue de toda mutação sensorial que começa nos sentidos próprios e termina no sentido comum. Logo, é evidente que as três determinações ditas - a quantidade, o movimento e o tempo - enquanto se compreendem na imagem sensível, são conhecidas mediante o sentido comum (*Ibid.*, 2001, p. 7, [449b 30- 450a 25])²⁵.

²⁴ “*El sentido percibe algo de dos modos. De un modo: por la propia inmutación del sentido hecha por el objeto sensible: y así son conocidos por los sentidos propios y por el sentido común tanto los objetos sensibles propios como también los comunes*” (AQUINO, Tomás de. **Comentario al libro de Aristóteles sobre la memoria y la reminiscência**. Traducción de Juan Cruz Cruz. Pamplona: Universidade de Navarra, 2001, p. 7, [II, 449b 30- 450a 25]). Obra doravante abreviada por *CLAMR*.

²⁵ “*De outro modo: algo es conocido por un cierto movimiento secundario que es dejado por la primera inmutación del sentido hecha por el objeto sensible; y, sin duda, este movimiento permanece también, algunas veces, después de la ausencia de los objetos sensibles, e incumbe a la fantasía, como se ha dicho en el libro II 30 Del alma. Por su parte, la imagen sensible que aparece por medio de semejante inmutación secundaria es una pasión del sentido común: pues se sigue de toda inmutación sensorial que comienza en los sentidos propios y se termina en el sentido común. Luego es evidente que las tres determinaciones dichas — la cantidad, el movimiento y el tiempo o —, en cuanto que se comprenden en la imagen sensible, son conocidas mediante el sentido común*” (*Ibid.*, 2001, p. 7, [449b 30 - 450a 25]).

Está claro que a relação entre o objeto e o sentido é entendida em termos de atividade do primeiro sobre o segundo: “o objeto imprime sua própria semelhança no sentido, e esta permanece na *phantasia*, inclusive na ausência do objeto sensível” (AQUINO, *CLAMR*, 2001, p. 10, [II, 450b 25 - 451a 17]). Em outro lugar ele dirá que eles “movem” o sentido (cf. AQUINO, *CLASS*, 2001, p. 69, [XIV, 445b 3- 446a 20]; AQUINAS, *Commentary Aristotle’s De Anima*, 1965, 129 [Bk 1 Lec 10 Sct 159 § 159]). Posto que a imagem sensível é uma semelhança da realidade singular que existe aqui e agora, é necessário que ela se dê com o contínuo e o tempo (cf. AQUINO, *CLAMR*, 2001, p. 5, [II, 449b 30-450a 25]). A imagem sensível pode ser considerada de dois modos distintos:

A imagem sensível que está em nós pode ser considerada na medida em que é algo em si mesmo ou na medida em que é a imagem sensível de outra coisa. Considerada em si mesmo é algo especulativo em torno do qual a inteligência especula, ou uma imagem sensível, enquanto pertencente à parte sensitiva. Por outro lado, uma vez que é uma imagem sensível de outra coisa que antes sentíamos ou conhecemos, então é considerada como uma imagem natural que nos leva a outra coisa e como um princípio de lembrança (AQUINO, *CLAMR*, 2001, p. 12, [III, 450b 25-451a 17])²⁶.

Para o conhecimento a imagem é importante porque ela é o que o intelecto propriamente concebe em si mesmo da ideia ou do conceito da coisa à qual ela corresponde. Notoriamente, a imagem não é a ideia, mas uma representação figurativa da realidade particular, o seu âmbito imanente é expresso na afirmação de Tomás segundo a qual ela é produzida na alma (cf. *Ibid.*, 2001, p. 11, [450b 25 - 451a 17])²⁷. Da mesma forma que no ser humano o reconhecimento de dois princípios (*corpus et anima*), não implica na fragmentação do sujeito, semelhantemente, a afirmação de um duplo modo de ser da *species sensibilis* não implica na rejeição de unidade do processo sensório. Segundo São Tomás, “a forma sensível existe sob um modo na coisa que é exterior à alma e sob outro nos sentidos que recebem as formas das coisas sensíveis sem a matéria, como a cor do ouro sem o ouro” (AQUINO, *S.Th.*, 2002, p. 499, [q. 84, a. 1, ad]). Ora, especificados estes dois modos de existência, rejeita-se que o objeto seja assimilado em sua realidade concreta, ou seja, enquanto síncrito; é, portanto, por conservar sua formalidade na

²⁶ “La imagen sensible que está en nosotros puede ser considerada en cuanto que es algo en sí mismo o en cuanto que es la imagen sensible de otra cosa. Considerada en sí mismo es algo especulable en torno a lo cual La inteligencia especula, o una imagen sensible, en cuanto que pertenece a la parte sensitiva. En cambio, en cuanto que es imagen sensible de otra cosa que habíamos sentido o conocido antes, entonces es considerada como imagen natural que nos lleva a otra cosa y como principio de recuerdo” (AQUINO, *CLAMR*, 2001, p. 1, [III, 450b 25 - 451a 17]). Ver também: FAITANIN, 2008, p. 238.

²⁷ “la impresión de la imagen sensible se producía en el alma y en una parte del cuerpo” (cf. *Ibid.*, 2001, p. 11, [450b 25-451a 17]).

sensação, que implica os sentidos receberem a forma da coisa sensível sem sua matéria, mas com condições materiais (AQUINO, *S.Th*, 2002, p. 502, [q. 84, a. 2, ad]).

Um aspecto interessante da teoria tomista da sensação é a ausência de um sentido em ato que possibilitasse a passagem do ser potencial para sua efetividade. Ora, se o intelecto humano, que está em potência com relação aos inteligíveis, exige a intervenção de uma capacidade que lhe é inerente, o *intellectus agens*, para atualizar a inteligibilidade dos objetos, de igual modo não seria provável ele falar em um ‘sentido agente’ que tornasse os objetos sensíveis em inteligíveis *per se*? Afinal, como tem sido observado por diversos comentadores “para ser capaz de determinar uma potência em sua linha própria, é preciso que se esteja, sob o mesmo ponto de vista em ato” (GARDEIL, 2013, p. 58). Ademais, ressalta-se a relação muito próxima entre inteligibilidade e atualidade, isto é, as coisas são inteligíveis na medida em que se encontram em ato (cf. ECHAVARRÍA, 2014, p. 349).

Exige-se, nos moldes manifestos da teoria tomista, que uma potência seja atualizada por algo que esteja em ato, mas no caso dos sentidos há diversas sugestões textuais deles estarem em ato no âmbito da potência cognitiva. De fato, este ponto é ressaltado por Gardeil quando diz que “contrariamente aos objetos da inteligência, os objetos dos sentidos podem ser considerados como já estando em ato ou ao nível da potência cognitiva; portanto, eles podem diretamente vir atualizar o sentido e determinar nele a formação da *species* (cf. GARDEIL, 2013, p. 58. Ver também AQUINO, *S.Th*, 2002, p. 440, [q. 79, a. 3, ad.1]; *Ibid.*, 2002, p. 509, [q. 84, a. 4, ad. 2]; AQUINO, *QDA*, 2014, p. 89,91, [q. 3, ad. 7]). Nas palavras do próprio São Tomás, “uma coisa é objeto de conhecimento dado que está em ato, e não na medida em que está em potência, diz o Livro IX, da *Metafísica*. Com efeito, algo é ente e verdadeiro, e assim cai sob o conhecimento, na medida em que está em ato, e isso é evidente para o caso das coisas sensíveis; a vista, por exemplo, não percebe o que é colorido em potência, mas o que é colorido em ato” (AQUINO, *S.Th*, 2002, p. 553, [q. 87, a.1, ad]). Ora, se “as coisas materiais podem ser sensíveis em ato quanto ao ser que têm fora da alma”, isto, associado com a ideia de que “os sentidos recebem as espécies de todos os sensíveis” (AQUINO, *S.Th*, 2002, p. 465, [q. 80, a. 1, ad]), então é cabível tomarmos o relato sensorio em oposição ao intelectual; o sentido possui uma relação natural e direta com o singular, tal como o intelecto possui com o universal. Portanto, não é pressuposta uma faculdade responsável por atualizar o objeto sensível ao sentido porque ele é tomado já nesta condição.

Acompanhamos Echavarría na conclusão do sentido conhecer diretamente o singular pois “as formas, individuadas pela matéria signata, podem produzir sua semelhança nos sentidos, que são potências orgânicas, porque estes, embora dispensem a matéria natural que é

sujeito dessas formas, e as recebem já com certa imaterialidade, sem dúvida não prescindem das condições materiais individuantes. Por isso, o sentido conhece o indivíduo material enquanto um indivíduo, o singular enquanto singular” (ECHAVARRÍA, 2014, p. 353)²⁸.

Conclusão

Considerando o que temos discutido até então, nos parece ser coerente sustentar as seguintes conclusões. Tomás, segundo a interpretação tradicional, defendeu que a recepção das formas sensíveis consiste na existência das qualidades dos objetos na alma, ou seja, o sentido é assimilado ao objeto em função de um conteúdo cognitivo que não é físico²⁹. Portanto, quando é dito que o sentido em ato é o objeto em ato, indica-se a existência de um item cognitivo na alma, às vezes, chamado de imagem, *species sensibilis* etc; mas, independentemente do uso de qualquer um destes termos, julgamos que a ideia primordial consiste em ver este item cognitivo, como uma *similitudo* do ente sensível que está presente aos sentidos devido àquela semelhança que o informa (cf. AQUINO, *S.Th*, 2002, p. 421, [q. 78, a. 1, ad])³⁰. Naturalmente, isto nos conduz na busca de dois esclarecimentos: 1) o modo que o objeto conhecido passa a ter no cognoscente; 2) a relação da coisa conhecida no cognoscente com o objeto do qual ela é uma semelhança. Ao primeiro questionamento há de ser respondido que o objeto passa a existir

²⁸ “Las formas, individuadas por la materia signada, pueden producir su semejanza en los sentidos, que son potencias orgánicas, pues estos, si bien prescinden de la materia natural que es sujeto de esas formas, y las reciben ya con cierta inmaterialidad, sin embargo no prescinden de las condiciones individuantes materiales. Por eso, el sentido conoce al individuo material en cuanto individuo, lo singular en cuanto singular” (ECHAVARRÍA, 2014, p. 353).

²⁹ Segundo Martin Tweendale, a junção realizada por Tomás da tese averroísta de que a existência intencional é igual à cognição, com a visão de seu professor Alberto Magno, que a existência intencional é possível no corpo, o conduziu em dificuldades na ação de fazer uso dessas noções mal casadas (cf. TWEENDALE, 1992, p. 221). Ainda segundo o autor, embora concebido por diversos filósofos, particularmente na tradição aristotélica, que a sensação envolve alguma forma de recepção imaterial da forma sensível, o que exatamente serviria como sujeito para esta recepção foi objeto de discórdia entre eles (cf. TWEENDALE, 1992, p. 225). Tweendale após uma análise do tema na tradição aristotélica diz que diversos autores “viram a sensação como envolvendo algum tipo de recepção imaterial da forma sensível, mas havia discordância sobre o que exatamente serve como sujeito para essa recepção. Philoponus, Simplicius e Averróis declararam ser a alma sensitiva não corpórea. Para Alexandre, era o órgão sensorial externo que, como um espelho, é capaz de manter uma espécie ou aparência do objeto sensível sem realmente assumir a qualidade sensível. Themistius parece ter tomado uma posição intermediária na qual é a forma do órgão sensorial, alguma proporção que o caracteriza, que recebe a forma sensível. Alberto mudou o assunto da recepção para o órgão interno do senso comum e a hipótese de um “espírito” especial localizado lá para executar esta função. Mas nem todos equiparam a recepção imaterial da forma com a sensação e a cognição, como Aquino fez”. Continua Tweendale e afirma ainda que Tomás tirou proveito dessas teorias: “De seu professor Albert, ele considerou que, na sensação, uma espécie ocorre no órgão sensorial externo, o que equivale à existência imaterial ou espiritual da forma sensível. Mas ele optou por ignorar a teoria não aristotélica de Alberto de um sentido comum ativo, de Averróis, ele tomou a ideia de que essa existência espiritual poderia ser igualada à sensação em si. De Temístio, a quem ele leu na tradução de Moerbeke sobre a época em que escrevia seu comentário sobre *De anima*, ele poderia ter sido encorajado a pensar que as duas visões acima eram compatíveis” (TWEENDALE, 1992, p. 226).

³⁰ Quando ele afirma que as qualidades sensíveis encontram-se no sujeito como paixões ressalta a natureza informativa das *species sensibile* (cf. AQUINO, CLASS, 2001, p. 69, [XIV, 445b 3-446a 20]).

imaterialmente no indivíduo enquanto um dado cognitivo; quanto ao segundo ponto, compreende-se que este item cognitivo pode manter uma conexão com a coisa que é por ele representada por razão de expressar aquilo que lhe é essencial, afinal, na medida em que os órgãos são corpóreos eles estão em continuidade com os entes pela sensibilidade. O que a faculdade sensitiva conhece é sempre o singular³¹.

Podemos então dizer que a ideia de representação não realiza uma função importante da descrição do processo sensitivo – não julgamos que sustentar o realismo direto no âmbito da sensação implica em afirmar uma relação direta no âmbito intelectual -, ao contrário, neste caso a ideia de um realismo direto da percepção há de ser preferido porque expressa uma relação natural e direta entre o sentido e o seu objeto próprio (cf. AQUINO, *S.Th*, 2002, p. 546, [q. 86, a. 1, ad 4]; *Ibid.*, 2002, p. 549, [q 86, a. 3, ad]).

A antiga epistemologia nutriu fortemente o realismo da sensação. Neste aspecto, Tomás está inserido nesta tradição onde prevaleceu a crença dos sentidos serem a porta de acesso para o mundo enquanto realidade independente da mente. Desta perspectiva, podemos falar em um realismo direto da percepção, mas lembrando tanto do papel desempenhado pela *species sensibilis* quanto o caráter imaterial de sua formulação.

Portanto, julgamos que a ideia de realismo direto da sensação está estabelecida como conceito chave na descrição da sensação no nível mais fundamental da relação objeto-sentido. Contudo, sua vastidão e, em certa medida, alguns textos controversos, exigem que tomemos em consideração sempre um contexto mais amplo do que simplesmente a descrição do processo sensório *per se*, tal como a relação das imagens sensórias provenientes da cooperação dos sentidos externos e internos em seu relacionamento com os objetos.

³¹ Os sentidos além de receberem as espécies sensíveis em órgãos corporais também conhecem o particular (cf. AQUINO, *QDA*, 2014, p. 283, [q. 13, ad 19]).

Referências

ADRIAENSSEN, Han Thomas. **Representation and scepticism from aquinas to descartes**. Cambridge University Press: 2017.

AQUINO, Tomás de. **Questões disputadas sobre a alma**. 2. ed. Tradução de Luiz Astorga. São Paulo: Realizações, 2014.

_____. **Suma teológica - Parte I - Questões I - 43**. São Paulo: Loyola, 2001.

_____. **Suma teológica - Parte II - Questões 44 - 119**. São Paulo: Loyola, 2002.

_____. **Suma de teologia: primeira parte – questões 84-89**. Tradução e introdução de Carlos Arthur Ribeiro do Nascimento. Uberlândia: Edufu, 2016

_____. **Comentario al libro de Aristóteles sobre el sentido y lo sensible**. Traducción de Juan Cruz Cruz. Pamplona: Universidad de Navarra, 2001.

_____. **Comentario al libro de Aristóteles sobre la memoria y la reminiscência**. Traducción Juan Cruz Cruz. Pamplona: Universidade de Navarra, 2001.

AQUINAS, Thomas. **Summa Theologiae**. In: <https://www.corpusthomisticum.org/iopera.html>.

_____. **Quaestiones disputatae de anima**. In: <https://www.corpusthomisticum.org/qda00.html>.

_____. **Commentary on Aristotle's De Anima**. Translated by Kenelm Foester and Silvester Humphries. London: Yale University Press, 1965.

ARISTÓTELES. **Sobre a Alma**. Tradução de Ana Maria Lóio. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2013. Vol. III. Tomo I - (Coleção Obras Completas de Aristóteles).

COHEN, Sheldon M. St. Thomas Aquinas on the immaterial reception of sensible forms. **The Philosophical Review**, v. 91, n. 2, p. 193-309, 1982. Published by: Duk University Press on behalf of Philosophical Review Stable. Available in: URL: <http://www.jstor.org/stable/2184626>. Access in: 07 ago. 2017.

ECHAVARRÍA, Martín F. El conocimiento intelectual del individuo material según Tomas de Aquino. **Espíritu**, v. LXIII, n. 148, p. 347-379, 2014.

FAITANIN, Paulo. Os sentidos como porta de acesso ao ser, segundo Tomás de Aquino. **Aquinate**, n. 6, 2008.

GARDEIL, Henri-Dominique. **Iniciação à filosofia de São Tomás de Aquino: psicologia, metafísica**. 2. ed. São Paulo: Paulus, 2013. 2 v.

JANUNZI NETO, Antonio. **Sobre o conhecimento sensível e inteligível em Tomás de Aquino: realismo direto e representacionalismo**. Rio de Janeiro: UFRJ, 2011. Dissertação (Mestrado em Lógica e Metafísica).

ROSS, W. D. **Aristóteles**. 2. ed. Tradução de Diego F. Pró. Buenos Aires: Libera dos Libros, [s.d.]

SHIELDS, Christopher. Aristotle's psychology. *In*: ZALTA, Edward N. (ed.). **The stanford encyclopedia of philosophy** (Winter 2016 Edition). Available in: <https://plato.stanford.edu/archives/win2016/entries/aristotle-psychology/>. Access in: 01 apr. 2019.

TELLKAMP, Jorg Alejandro. Actitudes proposicionales y conocimiento sensible en Tomás de Aquino. **Revista Española de Filosofía Medieval**, v. 4, 1997.

TWEEDALE, Martin M. Origins of the medieval theory that sensation Is an immaterial reception of form. **Philosophical topics**. v. 20, n. 2, 1992.

Recebido em 20/09/2023.

Aprovado em 10/11/2023.